



Quando a arte *Sai à noite*

Dez artistas portugueses foram ao Lux e deixaram o bar lisboeta armadilhado com um confronto benigno, mas um confronto. Entre a arte e a decoração, a diversão e a experiência artística. Chama-se "O Dia pela Noite" e evoca memórias e histórias das últimas décadas do século XX. José Marmeleira (texto) Miguel Manso (fotos)

Exposições

Intervir artisticamente num lugar exterior ao campo da arte ou que não é por este determinado, deixou há muito de constituir novidade. Mas há lugares e lugares. Uns são "aceitáveis" (edifícios devolutos, ruas), outros - há quem o diga - são mais problemáticos, como os bares ou as discotecas. Passe o levantar das barricadas, a verdade é que, neste último caso, devemos falar de uma tradição com quase 50 anos. Alguns episódios: em Nova Iorque, o Mudd Club, o Club 5, ou a Fun Gallery (galeria que se confundia com um clube e na qual pessoas se divertiam enquanto viam as pinturas de Kenny Scharf); em Berlim, o clube musical S.O.36, que o artista alemão Martin Kippenberger geriu nos finais dos anos 70, ou o mais recente Panorama Bar (2004) decorado com fotografias de Wolfgang Tillmans; finalmente, em Portugal, na noite lisboeta dos anos 80, salienta-se o Frágil, onde Pedro Casqueiro realizou uma exposição e Pedro Cabrita Reis (em 1985) e Rui Sanches (um ano depois) intervieram na condição de artistas.

É desta história que (já) faz parte "O Dia pela Noite", exposição com a curadoria de Susana Pomba, que, até

27 de Fevereiro de 2011, reúne nos três pisos do Lux obras de 10 nomes da arte portuguesa: João Pedro Vale, Vasco Araújo, Pedro Gomes, Mafalda Santos, Gabriel Abrantes, Rodrigo Oliveira, Francisco Vidal, Pedro Barateiro, Francisco Queirós e Alexandre Farto.

Confundir a arte

A lista é relativamente heterogênea e, claro está, cada artista abordou o lugar de forma distinta. Alguns olharam para o exterior e a paisagem em volta, outros escreveram nas paredes e houve quem abordasse conceptual e visualmente da história do Lux. Todos pensaram o lugar e o resultado desse processo pode ser apreciado durante os próximos dez meses, entre as 23 da noite e as 6 horas da manhã.

Estamos, portanto, longe da exposição convencional.

"São dez intervenções que modificam o espaço e alteram a visão que as pessoas têm dele. Creio, até, que vão mudar a forma como as pessoas aqui se comportam ou se relacionam", sustenta a curadora.

Resumindo, as peças confrontam-

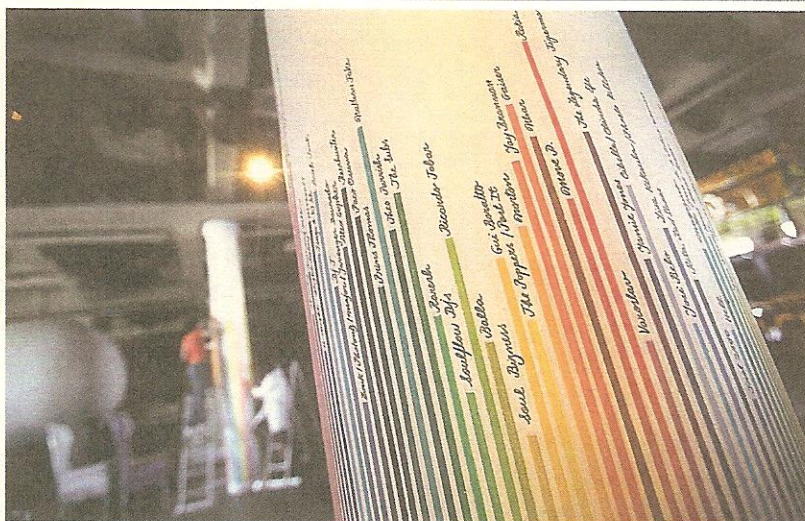
"We can not escape from each other", Rodrigo Oliveira

"Rainbow Kiss", João Pedro Vale

se com o público (e vice-versa) num contexto de convívio e festa. Falamos de uma deslocação do dia para a noite, da arte para um palco que não é originalmente o seu. Confundimos a própria arte com outras coisas? Diversão, glamour, decoração? →



"And the beat goes on",
Mafalda Santos



«É um desafio difícil. Sei que estou num espaço carregado de história, num cenário da noite», admite Susana Pomba, «mas as fronteiras e os limites estão cada vez mais difíceis de perceber e isso entusiasma-me. Mais do que colocar obras num 'white cube', esta é uma situação que me interessa».

Dos artistas chega a esperada empatia. Gabriel Abrantes vê no espaço um lugar estimulante e sempre gostou de mostrar arte em sítios diferentes (em Lisboa, já o fez, por exemplo, no bar Music Box). João Pedro Vale aprecia a recepção ambígua da sua peça: «O Lux faz parte do imaginário da cidade e acho interessante que, durante esse período, faça também parte

das vidas das pessoas através da arte. Cria-se [com as intervenções] um espaço que vai ser vivido e não me preocupa se acabar confundido com decoração». Já Pedro Barateiro evita certezas e juízos de valor e prefere evocar a história que resumimos no início, enquanto Mafalda Santos não tem pudores diante deste género de desafios.

Memórias de uma tradição

Em 1985 Pedro Cabrita Reis cobriu com camadas de tinta as paredes e as colunas do Frágil. Usou flores, pano e relevos feitos de gesso e madeira, refez a arquitetura, pintando-a. Um ano depois, Rui Sanches criou uma série de esculturas que modificavam

o mesmo espaço. Pedro Barateiro tinha 14, 15 anos, quando deu com algumas destas intervenções, entretanto desaparecidas. «Sim, lembro-me. Tanto no interior, como no exterior. A colaboração do Manuel Reis com os artistas já vem desse tempo. É uma tradição».

João Pedro Vale que o diga. Chegou a conhecer o Frágil, mas as memórias que mais acarinha são as do bar-discoteca que nasceu no Cais da Pedra. «Consigno contar toda a sua história. Cheguei a ir a uma entrevista de emprego, mas não fui aceite [risos] e estive na inauguração em 1998», recorda. «Para alguns artistas do meu tempo, que hoje têm 30 e tal anos, foi um acontecimento que vivemos muito intensamente. E hoje temos distanciamento suficiente para percebermos que naquele ano, entre a Expo e a inauguração, estávamos ainda na faculdade, assistíamos a uma mudança da cidade e da noite» - a título de curiosidade, Pedro Gomes, um dos artistas participantes em «O Dia pela Noite», chegou a trabalhar no Lux.

João Pedro Vale realizou três «colaborações» com o bar de Manuel Reis: «Toro» (2004), uma cortina de veludo onde se lia, recortada, a associação de palavras toro

roto; a performance que deu origem ao vídeo «Festa Brava» (2005); e «Navio Fantasma» (2007), projecção vídeo que também passou pelo [restaurante] Bica do Sapato. Para «O Dia pela Noite», contribui com «Rainbow Kiss», uma escultura de grandes dimensões inspirada nos «Modelos Reduzidos» de René Bertholo e que está colocada na parede exterior, à entrada do bar. Depois do estalo de «Hero, Captain and Stranger», é uma peça «pacífica», colorida (o céu cor-de-rosa, as estrelas amarelas) remanescente de «Nuvem com Superfície Variável - III»,



"Ad verbum", Vasco Araújo

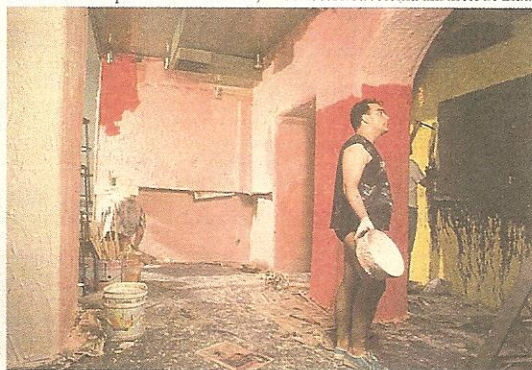


"Boca de Cena", Pedro Barateiro



"Constantino", Francisco Queirós

do antigo membro do grupo K.W.Y. Explica o artista: «Há uma referência directa, de facto. As nuvens têm incorporado motores programados segundo o mesmo princípio que interessava ao René Bertholo nos seus modelos: a impossibilidade de controlar o aleatório. Há uma esfera que ao saltar faz com que o movimento seja irrepitível. O desenho nunca está igual, está sempre em movimento». A presença do mar e dos barcos vizinhos lembra outros «Modelos Reduzidos» e a escultura retoma um método inau-



"Fading remains",
Alexandre Farto



Sem título, Pedro Gomes

gurado em «I Have a Dream»: a intervenção no espaço público.

Para ver à noite

A proposta de Pedro Barateiro também se localiza no exterior, mas no terraço. Trata-se de «Boca de Cena», estrutura que as pessoas podem usar para «beber, beijar, dormir, ficar à espera do nascer do sol (...)', como escreveu o artista no convite. A peça é constituída por um palco e um arco e, discreta, silenciosa, passa, quase despercebida ao lado da cama gigante e das cadeiras. «Interessou-me o facto do Lux ser um lugar de representação e procurei que [a peça] não tivesse uma imagem muito forte», revela. «A ideia era que se assemelhasse muito à própria estrutura e linhas do terraço e ao mesmo tempo tivesse esse potencial utilitário».

Do outro lado do Tejo, nas margens de Almada, cidade onde nasceu Pedro Barateiro, uma construção parece repetir a forma do arco: o pórtico do estaleiro da Lisnave, elemento central de um filme que o artista mostrou o ano passado no Museu de Arte Contemporânea de Vigo.

Ainda no terraço é possível ver as «colagens» de cores e signos que preenchem as bandeiras, viradas para o mar, de Francisco Vidal. Aqui e ali identificam-se símbolos africanos e uma bandeira onde o verde deu lugar ao azul-bebé e o vermelho ao verde-claro.

No interior, estão as restantes obras. Francisco Queirós «escondeu» nas paredes, junto a um dos bares, fotocópias e desenhos; num «quarto escuro», disponível apenas para duas pessoas, corre um filme de Gabriel Abrantes sobre a ida de duas raparigas ao Lux e os terrores da Inquisição. Já em plena discoteca, não muito longe dos cartazes de Alexandre Farto, acendem-se frases e figuras desenhadas e escritas por Vasco Araújo. Finalmente, Pedro Gomes fez um desenho em contraplacado por onde passamos a caminho do primeiro piso, onde nos espera instalação de Rodrigo Oliveira no bar e na cabine do DJ, e as colunas onde Mafalda Santos, inspirada nas cores e linhas dos equalizadores, inscreveu a história dos espetáculos musicais do Lux.

Definitivamente, são todas intervenções autónomas. Só uma coisa as liga: existem no escuro sob focos de luz. Iluminadas. Para serem vistas à noite.

Pedro Cabrita Reis nos anos 80 cobrindo o Frágil de tinta

ARTEMREDE

www.artemrede.pt

www.blog.artemrede.pt

CIDADES ENCONTRADAS

BODIES IN URBAN SPACES

CIE. WILLI DORNER

10.000. SINTÉTIAS / 10.000 ANOS

UN PERCURSO DE ESCULTURAS HUMANAS

TORRES VEDRAS - 01 MAI 10 | 11H00 E 15H00

ALCOBAÇA - 02 MAI 10 | 11H00 E 15H00

CALDAS DA RAINHA - 26 JUN 10 | 10H00

ARTES DE SUEIA

PERFORMANCE. ARTE COMUNITÁRIA